

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NÚMERO AVULSO 20 RS. (100 RS. N.º BRAZIL)
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NÚMERO 7.

AVEIRO

O QUE FOI O CONGRESSO

Vamos terminar as nossas apreciações.

Vimos nos artigos anteriores como o sr. José Elias absorveu todos os chefes do partido. Vimos a falta de coherencia, de caracter, de dignidade politica dos srs. Theophilo Braga, Consiglieri Pedroso e Jacintho Nunes. Vimos como o sr. Magalhães Lima continuou sendo o paspalhão agarrado, que tem sido em toda a sua vida. Vimos como o chamado oportunismo não é mais que meia duzia de farçantes, que, tendo-se arrendido do passo que deram para a republica, procuram todas as formas mais ou menos ignobis de cobrir a retirada. Vimos como os pactos barjonaceos-republicanaceos eram um facto combinado e assente ha muitos mezes. Vimos como os que se dizem radicaes procederam com a maior leviandade, incoherencia e falta de juizo.

Hoje não nos deteremos em todas as peripecias, conflictos e contradicções que surgiram no congresso de dezembro. Tudo isso é conhecido dos leitores pelas vastas referencias que lhe fizeram os jornaes. São porcarias indignas d'um partido, de tal forma repugnantes e tão baixas que não sujam só os chefes. Sujam toda a gente que lhes mexa. Para demonstrarmos a falta de tacto com que os chamados radicaes continuaram procedendo, para que se veja que não houve a menor seriedade n'essa reunião magna do partido basta que de novo transcrevamos para aqui os documentos que emanaram d'essa assembleia. Ahí vae o primeiro:

«Os delegados do Congresso extraordinario do Partido Republicano Portuguez, confiando na força e prestigio do seu ideal de justiça e na victoria certa dos seus principios, e outrosim reconhecendo a necessidade de consignar-lhes n'um programma que sirva de norma e de unificação a todos os elementos que o constituem;

Confirmam a deliberação do ultimo Congresso que repeliu quaesquer accordos com os partidos, facções ou grupos monarchicos, e determinam que esta confirmação seja publicada em todos os jornaes do partido, e se lhe dê a maior publicidade para honra e gloria do mesmo; e passam aos trabalhos da noite.»

E' um documento importante, ao que se vê, claro, preciso, terminante, que não admite duvidas nem sophismas; que não podia ser rejeitado por nenhum homem que se dissesse republicano; que, sendo-o, e ao mesmo tempo approvado pela maioria dos delegados, importava, ou uma ruptura completa ou pelo menos a exclusão, de todos os cargos dirigentes, d'aquelles que o tivessem rejeitado! Pois foi rejeitado pelo sr. Jacintho Nunes, que foi eleito membro do directorio ao mesmo tempo! Pois foi rejeitado pelos srs. Gomes da Silva, Victoriano Franco Braga, Gil Carnei-

ro, Alves Correia, Casimiro Gomes, Fejo Terenas, Antonio Furlado, Branco Malhó e Agostinho Manuel de Souza, que foram eleitos ao mesmo tempo membros da Camara Constituinte, uma especie de parlamento do partido e por consequente o nosso primeiro corpo dirigente! Veja o paiz, vejam todos.

Ha um homem que, sem declarações, rejeita um documento em que se diz que o partido republicano confia na força e prestigio do seu ideal de justiça e na victoria certa dos seus principios. E esse homem é membro da commissão executiva do mesmo partido! E a maioria, que approvou o documento, é a mesma maioria que o elegeu!

Ha nove ou dez individuos que, ainda sem a minima declaração no seio do congresso, rejeitam os mesmos principios e as mesmas affirmações. E esses individuos são ao mesmo tempo membros d'um alto corpo dirigente! E a maioria, que approvou o documento, foi a mesma maioria que os elegeu! E a esquerda não protesta contra esse grande escandalo! E a esquerda até o applaude! E a esquerda até aceita a camaradagem d'aquelles individuos no exercicio dos mesmos cargos e das mesmas funcções!

E' preciso outra prova de que o congresso não foi senão uma borracheira? E' preciso outra prova de que entre nós ninguém tem senso ou tino? E' preciso outra prova de que os dissidentes precisam de ser muito mais cuidadosos e sensatos no futuro?

Não gritem, não vociferem. Não digam que é a nossa campanha jornalística que esphacela o partido. Basta apresentar estes factos nus e crus á apreciação do paiz para que rolemos na lama sem remissão de peccados.

Mas temos mais. Vimos que a assembleia approvou o documento que ahí fica transcripto. Pois também approvou o que se segue, da lavra do sr. Theophilo Braga:

«A assembleia, ouvidas as declarações do Directorio, afirma a unidade, autonomia e dignidade do Partido, e passa á orden da noite.»

Ouvidas as declarações do directorio? Quaes declarações? As do sr. Theophilo Braga, repellindo abertamente a moção Arriaga e na especialidade um programma do partido. E o congresso, que approvou a moção Arriaga, approvou exactamente o contrario approvando a moção Theophilo Braga! E o congresso, que reconheceu a necessidade d'um programma, reconheceu exactamente o contrario, acatando e aceitando as declarações do directorio! Não foi uma choldra, aquillo?

Ahi salvou-se a esquerda, repellindo a moção Theophilo Braga, apesar de que lhe competia discuti-la e esmieuçá-la ponto por ponto o que não soube fazer. Mas já vamos encontra-la outra vez de focinho no lodo. Eis o terceiro documento, firmado pelo sr. José Elias Garcia:

«O Congresso do Partido Republicano Portuguez, aceitando os principios fundamentais consignados no programma que serve de base aos trabalhos da commissão, e tomando, com respeito aos principios que são o patrimonio dos partidos liberaes, o encargo de lhes dar o mais amplo desenvolvimento, para que os direitos dos cidadãos sejam respeitados, e não cercados por quaesquer restricções — declara que os seus processos são legaes e pacificos, defendendo-os e praticando-os com lealdade e perseverança, confiado na virtude das suas ideias e no exito da sua obra, para o qual contribuirá eficazmente a unidade do partido; e com este seu procedimento de que é fiador a sinceridade e firmeza das convicções republicanas, a probidade politica que se recusa a fazer ao paiz promessas irrealisaveis, a energia que propugna pela execução do que é possível, a sabedoria que se inclina perante a necessidade, e o respeito pelos interesses geraes que devem sobrepôr-se aos interesses dos grupos ou das pessoas, entende prestar um serviço valioso á causa republicana e á patria.

Com esta resolução não dissimula o Congresso que, em momentos solennes da vida dos povos, é indispensavel recorrer a meios extraordinarios para que a nação conserve e assegure a plenitude da sua soberania.»

Tambem este foi approvedo. Mas este então foi approvedo por unanimidade! Ora a sua tradução fiel e á letra é esta que se segue:

«O Congresso do Partido Republicano Portuguez, tomando, com respeito aos principios que são o patrimonio dos partidos liberaes, isto é, aceitando simplesmente os sinapismos da politica monarchica, a therapeutica do conservatismo liberalero, com exclusão completa das reivindicações do radicalismo, o encargo de lhes dar o mais amplo desenvolvimento, para que os direitos dos cidadãos sejam respeitados, e não cercados por quaesquer restricções, as restricções das escolas avançadas que attentam contra os privilegios de classe, contra os monopolios da alta finança, contra o autoritarismo da politica oportunista—declara que os seus processos são legaes e pacificos, ou que não aceita senão a conciliação e a transigencia com o actual, defendendo-os e praticando-os com lealdade e perseverança; e com este seu procedimento de que é fiador a sinceridade e firmeza das convicções republicanas, a probidade politica que se recusa a fazer ao paiz promessas irrealisaveis, taes como a emancipação do proletariado, a reabilitação da mulher, a supressão de sinecuras, a autonomia do municipio, a abolição dos impostos indirectos, a justiça gratuita, e outras muitas com que esses bolas dos radicaes que me estão ouvindo e applaudindo atroam para ahí os ouvidos da gente, a energia que propugna pela execução do que é possível, que é este doce far niente em que vamos com a differença de habitar eu no palacio da Ajuda em lugar do sr. D. Luiz de Bragança, a sabedoria que se inclina perante a necessidade, aquella com que eu, José Elias Garcia, me entendo ás mil maravilhas com mestre Barjona de Freitas, arranjando pactos e accordos para levar á camara a minha clientella impaciente e insofrida, que me passa o pé sem respeito nenhum se não trato de lhe anafar o estomago, e o respeito pelos interesses geraes que devem sobrepôr-se aos interesses dos grupos ou pessoas, visto que no nosso partido ainda ha muito mais quem se queira governar e queira comer do que quem se queira sacrificar pelos interesses do povo e pela justiça, entende prestar um serviço valioso á causa republicana e á patria.»

E n'um impeto d'enthusiasmo, e n'uma corrente d'acclamação, radicaes, federalistas, tutti quanti d'avancado e ousado alli estava, approvam aquillo por unanimidade! E esta? Nem um homem só reparou que a proposta, ou como lhe queiram chamar, do sr. José Elias, arranja não só o desmentido

do sr. Arriaga, não só a confirmação da politica de accordos, mas a condemnação de todas as aspirações radicalistas. Bem dizia Lafontaine:

Le monde est plein de gens qui ne sont pas plus sages.

E julgámos não ficarem duvidas a ninguém de que o congresso não passou d'uma burla, d'uma troça, d'uma pura borracheira. Nós poderíamos erguer o ridiculo atroz, sancionado por uma assembleia republicana, de que não pôde ser admittido a disculpar os interesses d'uma collectividade quem tratou um corypheu com menos delicadeza ou respeito. Nós poderíamos escangalhar a carcassa de quem allegou que não devia ter representação no congresso um jornal, que nunca teve senão censuras para os chefes do partido. Nós poderíamos mostrar como na Igreja republicana ha mais fanatismo, mais idolatria, mais fetichismo, mais despotismo, mais intolerancia que na Igreja monarchica. Mas nunca mostraríamos melhor que o congresso foi uma irrisão, uma troça, uma burla, nunca seríamos mais verdadeiros, mais independentes, menos pessoases, que desafiando os documentos que se tornaram solemnemente publicos. Outros que façam o resto, se quiserem!

Ainda bem que os dissidentes foram ao congresso. Deviam ir por todos os motivos e por todos os motivos nos regosijámos d'elles lá terem ido. Um d'elles é porque devem ter perdido todas as illusões que nutriam sobre os nossos dirigentes, e aprendido por experiencia propria a serem mais previdentes, mais cautelosos e mais sensatos de futuro.

Tenham prudencia, ponham de parte as pieguices e terão salvo a democracia portugueza.

O sr. governador anda muito zangado comosco porque, diz elle, o temos tratado muito mal. Até nos retirou o lençol, que faz sua falta, vá lá. Com aquillo no bolso andava a gente protegida para tres dias!

Pois, sr. governador, nós julgavamos tê-lo tratado com a maior deferencia, não dizendo a decima milionessima parte d'aquillo que merecia. Julgavamos ter-lhe prestado o maior serviço que lhe podíamos prestar, modestia á parte. E como não reputámos esse serviço pequeno, e como já lh'o prestámos ha muitissimo tempo, e como o sr. governador o dispensa, deixe estar que tem moiro nas costas.

Usted lo pagará!

O CLERICALISMO

Invoca-se a economia para pretexto da infamia. Como se nós precisassemos de pagar á vibora, que morde o viandante descuidado!

As irmãs da caridade traba-

ham de graça. Como o abutre dilacera a sua preza, como o lobo rasga as carnes do manso cordeiro! E com isto illudem as multidões e troçam da ignorancia popular.

O' cego, ó povo, abre os olhos. que te cavam o abysmo aos pés! Olha que esse serviço gratuito é o preço da tua deshonra e da tua infamia!

Fanatisam-te a mulher. E o teu lar, e a tua felicidade conjugal, e o teu amor de noivo converte-se, a brève trecho, no inferno do ciúme, da desconfiança, do desespero e da raiva! Querias pagar a ouro esse inferno? Quanto darias tu, já que foste inconsciente, já que o deixaste crear pela tua ignorancia ou pela tua incurria, para te veres livre d'elle?

Seduzem-te a filha innocente. E a pobre creança, que foi o teu enlevo, que foi toda a tua vida, diz-te um dia:—Eu não o conheço, eu não tenho familia!

Qual seria o thesouro, ó cego, ó infeliz, ó povo, que te pagasse uma desgraça d'essa ordem? Qual seria o dinheiro do mundo, que compensasse, para ti, o repudio da tua pobre filha?

E isto não é rhetorica, não é sentimentalismo. Isto são factos comprovados pela historia do jesuitismo em todos os séculos e em todo o mundo. Isto é a verdade, que realta dos acontecimentos que dia a dia ahí presenciámos. As irmãs da caridade não são mais que o instrumento docil, inconsciente e authomatico, do vil jesuitismo. E o jesuitismo é uma seita, uma collectividade miseranda e miseravel que não mira senão á sua influencia e poderio. E como nos tempos modernos, os privilegios, usurpações e despotismos d'essa seita só poderão coexistir pelo embrutecimento e pela desordem social, o jesuitismo aniquila e perturba todas as forças existentes. Fanatisa as mulheres para as subtrahir á influencia dos maridos. Seduz as raparigas para as roubar ao amor, ao criterio e aos conselhos dos paes. Amolda os cerebros das creanças aos seus perfidos intentos. E para isso, sim, funda collegios gratuitos, entra nos hospitaes de graça, vae a toda a parte sem recompensas pecuniarias de qualidade alguma. Porque em compensação subjugam as velhas ricas para lhes apañar os bens! Fica com a fortuna das herdeiras abastadas que lhe cahem nas garras! Tem outros collegios, para a fidalguia beata e a burguezia opulenta, que lhe dão pingues e fartos rendimentos! Emfim, para arranjar dinheiro para a sua infame propaganda não ha obstaculo que receie nem difficuldade que o tolha.

De graça! Pois tu ainda havias de pagar ao tigre para te dilacerar as carnes, ó povo' cego e ignorante? Pois se te offerecerem de graça uma serpente para casa, tu accetas o favor, reconhecido, ou das com um cajado no atrevido da offerta? Não te illudas, infeliz. A economia, que se fizer com as irmãs da caridade, é d'aquellas economias que nos sahem mais caras que todas as des-

pezas. Porque nos custam, muitas vezes, a honra, o socego, a felicidade de toda a nossa vida.

Isto, ouve bem que outra vez. E o repetimos, não são palavras nem é rhetorica balofa. São verdades profundissimas, que os factos se encarregam de afirmar. Não é só a sobrinha de José Estevão que nos dá elementos para o que estamos avançando. São todas essas desgraçadas, que sahiram d'esta terra para a propagação jesuitica.

Ha tempos agonizava em Aveiro um honrado cidadão, Norberto Ferreira Vidal, que tinha no Porto uma irmã, no recolhimento chamado da Bandeirinha. D'alli vieram a trote largo duas irmãs da caridade velar-lhe os ultimos instantes. Mas a propria, a verdadeira irmã do moribundo, que se era sincera na sua missão de acudir aos afflictos e socorrer os doentes, tinha o duplo dever de ser a primeira a approximar-se do seu mallogrado irmão, essa não appareceu n'esta cidade. Porque? Porque o regulamento da ordem em que professou não permite que a filha trate de pae ou mãe e que a irmã feche na morte os olhos d'aquelle que foi em vida seu irmão.

Onde está o mister santo e grandioso das irmãs da caridade? Como pôde essa mulher, que, por ludibrio do acaso, é hoje exactamente uma das enfermeiras do nosso hospital, exercer, com os alheios, a paz, o conforto, o amor e o carinho que não soube exercer com o seu proprio irmão? Que instituto é esse que obriga uma filha a repellar seu pae, a não rezar a agonía da que deveria ser a sua querida mãe e uma irmã a não ajoelhar junto ao leito mortuario de seu pobre e mallogrado irmão? Onde está aqui a santidade d'esta religião? Que é d'aquella poesia do espirito, d'aquelle aroma d'alma, que eram o unico encanto das creanças tão suaves e tão puras de nossos velhos paes? Qual é a mulher d'esta cidade, em que a gentileza do coração lhe correu sempre parrelhas com a gentileza do corpo, que se não sinta horrorizada deante d'uma filha que não quer ver sua mãe nas horas graves e finaes e d'uma irmã que não quer ou não pôde depôr um beijo humido de lagrimas, mas quente de amizade, no cadaver de seu infeliz irmão?

Entretanto, a irmã da caridade faz isso! A irmã da caridade diz ao seu velho pae:—«Eu não o conheço, eu não tenho familia!» A irmã da caridade diz ao espirito de sua mãe que se apaga:—«Evolta-te no ar, phantasma que te disseste um ninho d'amor e um sacraí» de caricias! Vae-te, mentira da minha juventude, illusão das minhas horas infantis! Corre, fada maldicta do meu berço, bruxa traçoieira da minha infancia! Tu não embalaste os meus ouvidos com a canção idolatrada d'um anjo da terra! Tu não me apertaste nos teus braços com o fervor do meu anjo da guarda! Tu não velaste o meu somno com o zelo do velho cão rafeiro e não me desceraste os olhos ao romper de cada dia com a alegria e doçura do rouxinol da madrugada! O' mãe, tu foste um sonho que se desfez com o acordar da minha vida de freira! Eu não tenho familia! A minha familia é Deus!»

Aveirenses, mães, a qual de vós e qual de vossas filhas vos repetirá um dia estas palavras terríveis e sinistras?

Irmãos, qual de vossas irmãs deixará por mãos alheias o cuidado piedoso de vos cerrar os olhos?

Se os enfermeiros do nosso hospital não eram cuidadosos em cumprir os seus deveres, arranjam quem os fiscalise, corrija e vigie attentamente de futuro. Mas não troqueis a vossa honra, a vossa felicidade, o vosso amor de familia a troco d'uma reles economia. Não vos aventureis em

perigos. Que mais doce é o regato de venturas que nos tem corrido ao pé da porta, que esse rio caudaloso que pretendem desviar-nos para aqui.

Continuaremos no domingo.

Ainda hoje não temos espaço, e com essa falta luctamos constantemente, para nos determos no caso do assassinato de Cacia. E á falta d'elle só perguntaremos de novo:

Porque não é preso o assassino? O sr. delegado do procurador regio na comarca d'Aveiro tem procedido n'este triste negocio com a energia e o zelo que a lei reclama? O sr. commissario de policia não tem subordinados para lançar no encaço d'esse patife? Não lhe foi requisitada a prisão? Para que serve a policia? Para que servem as auctoridades? Para que serve a lei?

Feriu-se um homem a dois passos d'esta cidade. Esse homem morreu no nosso hospital. Entretanto o assassino anda impune e á solta. Entretanto o facinoroso acolta-se para os lados de Frossos, segundo se diz. E a opinião publica accrescenta que não é perseguido nem preso porque o sr. delegado do procurador regio é progressista, porque o sr. commissario de policia é progressista, porque tudo é progressista, e o miseravel é protegido pela galopagem eleitoral de Cacia.

Façam o favor de mostrar á opinião publica que está enganada e labora n'um erro. E voltaremos ao assumpto.

Escreve o zanaga a respeito da intransigencia? (olhe que não é intransigencia!)

«Felizmente no ultimo congresso começou a desmascararse, e tão inepta e dezastradamente (a orthographia é d'elle) o fez, que chegou a conceitar contra ella os proprios delegados que, sniprehendidos na sua boa fé, iam da provincia resolvidos a acompanhala.»

Mente, seu zanaga! E mente com um atrevimento sem igual. Porque todo o mundo sabe que as forças da esquerda augmentaram no congresso. Que tendo lá entrado trinta delegados da opposição sahiram de lá quasi cincoenta!

«E isto explica como os intransigentes, que se julgavam senhores da situação, e ameaçavam os opportunistas com a excommunição maior, sahiram do congresso batidos, cabisbaixos, e reduzidos a proporções minimas.»

Mente, seu zanaga! E mente com o mau sestro d'um torto. Porque todo o mundo sabe que foi approvada a proposta Arriaga, a qual era fulminante contra os arranjos de vossoria. E que foi approvada não obstante a opposição tenaz de vossoria. Todo o mundo sabe que ninguem cousou apresentar uma proposta em termos claramente adversos áquella. E que para ser approvada a do sr. José Elias, foi necessario escrever-lhe em termos tão ambiguos e escuros, que illudissem a boa fé do congresso.

Logo mente vossoria!

«Passados dias, fazem uma derradeira tentativa para retomarem o terreno perdido. Elles, os indomáveis, os ativos, d'antes quebrar que torcer, dobram a espinha perante tres dos mais prestigiosos membros do partido republicano, queimam-lhes incenso e mirra, e offerecem-lhes o bastão do commando.

Um dos tres, dotado d'excessiva boa fé, por viver com que isolado da sociedade, ia-se deixando tentar por falsos apóstolos. Mas felizmente reconheceu depressa com quem lidava, e voltou as costas aos seus perigosos thuribularios.»

Apoiado, apoiado, seu zanaga! Apanhem lá aquelle pião á unha, adoradores do sr. Magalhães

Lima! Vós que *dobrastes a espinha* perante aquelle grandissimo idiota, vós que *lhe queimaste incenso e mirra* para elle vos voltar as costas e vos dar o pé com applauso do sr. Jacintho Nunes! Agora atiram-vos com os pratos á cara.

Apoiado, apoiado, seu zanaga! Como nós não elogiámos nem fallámos a nenhum dos prestigiosos, antes demos em algum com o arrocho e com a força do costume, mil vezes apoiado. Dê-lhes para baixo e nunca as mãos lhe dôam.

Maldicto zanaga, que tanto andou que conseguiu obter uma vez os nossos applausos!

Por fim o zanaga diz que a eleição de Lisboa provou a impotencia dos intransigentes, que não conseguiram obter mais de 50 votos para o seu candidato. Pela sova que vossoria dá nos radicacs por não terem combatido abertamente a candidatura Theophilo, apoiado outra vez. Dê-lhes, dê-lhes com os pratos na cara para ver se elles teem juizo! Pelo lado da impotencia, quebra vossoria a narigueta. Lá impotente será elle! Porque, segundo o testemunho insuspeito do proprio *Seculo*, centenas de radicacs se abstiveram d'ir á urna.

Portanto, vossoria mentiu terceira vez. Mas nós perdoámos-lhe as mentiras pelas verdades que disse.

Dê-lhes, dê-lhes com os pratos na cara, mais o seu amigo Magalhães!

Carta de Lisboa

30 de Março.

Continua desevolta e caudalosa a torrente do sentimentalismo. E note-se que quando em emprego tantas vezes esta palavra não me quero referir áquella doce melancholia d'alma perante o infortunio, áquella corrente de solidariedade em face da desgraçada dos nossos semelhantes, áquella balsamo snavissimo vertido pelo coração do homem nas chagas dos doentes, dos tristes e dos afflictos. Não, que esse é o mais nobre e o mais levantado dos sentimentos da especie. Não, que é exactamente em nome d'elle que eu fustigo com a minha penna o charlatanismo que o offende e o deshonra. Para mim, este termo sentimentalismo é a piegnice ignorante que chora d'aquillo de que se deveria indignar e que se indigna com aquillo de que deveria chorar. E' a especulação apelintrada, que, provocando pelos seus crimes e desleixos os grandes desastres e os grandes conflictos, usa das lagrimas para encobrir as suas responsabilidades e das lamentações em coro para abafar os gritos d'alguma victima mais sensata e mais reflectida. E' a charlatanice, é a ostentação d'uma caridade falsa apregando e implorando a compaixão pelos devassos, pelos criúnosos, pelos biltres de todas as cathogorias e especies, ao mesmo tempo que abandona e que despreza a pobreza honrada, as dôres verdadeiras e sinceras, o socego, o bem estar e os interesses da grande massa trabalhadora e honesta.

O sentimentalismo, que eu tanto combato, ainda que seja sósinho a combatê-lo, é esse e só esse. Combato a ignorancia choramigas e piegas que se limita a carpir de tudo e a proposito de tudo, sem procurar o mal nem querer ver onde elle está. Combato as transigencias criminosas, as *branduras de costumes* e as especulações torpes de todos os nossos dirigentes. E' a isso que eu chamo o sentimentalismo indigena, o sentimentalismo patrio. E' isso que eu combato sem treguas nem descanço, porque não ha escalracho, sanguessuga ou parasita maior dos progressos e vitalidade d'um paiz.

Agora ahi estamos nós de pos-

terior para o ar a bater nos peitos pela desgraça do Porto. Ha quasi quinze dias que não fazemos outra coisa. E' carpir e despejar os bolsos dos patacos que a rapinancia monarchica nos deixou esquecidos no cotão. Muito bem. E' sympathico e é nobre. Mas o resto? Mas quem tem a responsabilidade d'aquella grandissima desgraça? Mas quem castiga os responsáveis?

Eis o sentimentalismo nas suas manifestações deploraveis! O inspector dos incendios no Porto escreveu um relatório condemnando abertamente as condições dos theatros n'aquella cidade. Reclamou providencias em officios sobre officios. O commissario de policia tambem officiou n'esse sentido. Ninguem os attendeu, ninguem lhes respondeu sequer ao menos. E, passados mezes, essa incuria, esse desleixo, esse desprezo pela segurança social acarreta a desgraça e o lucto de dezenas de familias.

N'um paiz serio e pensante, qual seria o primeiro movimento? Correr a pan os funcionarios relaxados e madraços. Entre um povo que se prezasse, antes de se enterrarem os mortos entrariam na cadeia aquellos homens. Aqui chora-se, aqui fazem-se subscripções monstros, aqui surgem de toda a parte as commissões de soccorros, umas por verdadeiro espirito de philantropia, outras por espirito d'imitação e reclame, mas os unicos e verdadeiros criminosos, os que provocaram a catastrophe, esses passem impunes e até galardoados pelos *sentimentos caridosos* que estão manifestando. Isto assim não pôde ser.

Se o povo portuguez corresse em auxilio d'essas victimas com o *entrain* que estamos presenciando, mas ao mesmo tempo se erguesse nos comieços, em manifestações vibrantes e energicas a pedir o castigo dos funcionarios, ou ministros ou governadores civis, ou fosse lá quem fosse, que não attenderam ás reclamações que lhes fizeram pela vida de tantos cidadãos, dava uma alta ideia do seu altruismo, da sua generosidade, de todas as virtudes civicas. Ajoelhando a carpir, batendo nos peitos, despejando os bolsos, mas não exigindo a responsabilidade dos que prevaricaram, não procurando, por uma attitudé energica, evitar novas desgraças no futuro, isso, que parece caridade, que se suppõe philantropia, não é mais que um *marrocanismo*, um *arabismo* servil e degradante. Hoje chora, amanhã ri. E, persistindo as mesmas causas, repetir-se-hão os mesmos effeitos interminavelmente. Hoje chora, amanhã ri. E viva a nossa brandura de costumes! Que ardam os Baquets. Que perigue a vida de todo o mundo. A caridade do povo portuguez é inextinguível, como dizem o *Diario de Noticias* e o *Seculo*! Que fiquem as creanças sem pae. Sua Magestade a rainha enxuga as lagrimas dos orphãos!

Sua Magestade a Rainha! Conta Michelet, que estando um dia o illustre medico Quesnay a conversar no Paço com a camarista Hausset se perturbára ao ver entrar Luiz XV.

—O que tendes, lhe perguntou Hausset?

—Madame, respondeu elle, quando vejo o Rei, lembro-me sempre de que é um homem que me pôde mandar cortar a cabeça quando queira.

—Oh!, replicou ella, o Rei é muito bom.

E' nestas duas palavras, accrescenta Michelet, estavam todas as garantias monarchicas.

Pois passado mais d'um seculo, guardados poucos aperfeiçoamentos, aquelles que se tornaram inevitáveis e fataes, nas mesmas palavras se resumem as garantias da monarchia portugueza.

—Oh! a Rainha é muito boa, é um anjo!

Se a exploração d'este regimen entulha os bairros pobres das

nossas cidades de fome e de miseria.—oh! a Rainha é muito boa, é um anjo, porque mandou distribuir uma duzia ou duas duzias de libras pelos desgraçados famintos!

Se os lavradores do Ribatejo vêem os seus campos, sem protecção dos diques ou outros trabalhos artisticos, por incuria d'este nosso regimen, contra as aguas que os ameaçam a toda a hora, alagados e destruidos n'um momento,—oh! a Rainha é muito boa, porque preside á commissão dos inundados!

Se, por infamia do systema que nos rege, uma triste mãe, sem protecção, sem amparo, victima das suas necessidades animales exploradas por qualquer D. Juan heroico e feliz, abandona o filho para não morrer de fome,—oh! a Rainha é muito boa, porque tomou conta da creança!

Se n'um theatro morrem centenas de pessoas pela incuria criminosa da instituição que nos preside,—oh! a Rainha é muito boa porque foi beijar os orphãos!

Eis as garantias monarchistas no meio actual. O regimen, que sua magestade representa, deixa que a exploração tripudie na miseria. Que os arbitrios individuaes sejam a norma da justiça. Que os nepotismos, as traficancias, as corrupções sejam o lema do poder. Que a vida dos cidadãos corra á mercê de Deus nosso senhor. Mas a Rainha, oh! a Rainha é muito boa, a Rainha é um anjo, porque, podendo ficar nos seus salões, desceu a examinar a besta popular. E os jornaes entoam-lhe canticos e as camaras tecem-lhe louvores!

Se já chegou a ser um merito excepcional, heroico e glorioso, o primeiro funcionario da nação baixar os olhos para os sofrimentos do paiz, o que é aquillo lá na Ajuda? Aquillo é só estabelecimento de procreação? Não é mais nada? Não tem outros deveres aquella gente? Não tem outras obrigações, nem outros compromissos?

Como esta sociedade é reles e como de tombo em tombo vae cahindo nos maiores absurdos e no mais repugnante servilismo!

E para terminar só duas cousas. Primeiro, lembrar que os srs. regeneradores vociferaram na imprensa e nas camaras contra o governo por causa do incendio Baquet, quando elles teem as mesmas responsabilidades e os mesmos crimes. Segundo, que os mesmos jornaes, que hoje condemnam os theatros e pedem que se feche o recente theatro da Avenida, são os mesmos que ainda ha pouco mais d'um mez publicaram longos reclames a favor do dicto theatro da Avenida e em varias occasões noticias calorosas sobre as boas condições dos outros todos. Principalmente sobre o theatro Avenida, que hoje querem fechado a todo o transe, está na memoria de toda a gente de Lisboa os reclames altisonantes e grandiloquos que os jornaes de todas as côres politicas publicaram ha dois dias. Estas duas notas veem completar o quadro da nossa sociedade dirigente.

— Terminou na camara a discussão sobre as penitenciarías e mais uma vez se evidenciou que a pena de morte, que se é anti-humanitaria e despótica para os ignorantes, republicanos ou não republicanos, que está hoje sendo reclamada por todos os anthropologistas e grandes homens de sciencia, é a unica solução para o conflicto criminalista que se vem agitando no mundo. Mas, já que a ignorancia e outros predicados não a querem applicar, sejam ao menos mais sensatos em reprimir e em castigar o crime. Sem duvida que é cruel metter um homem n'uma prisão por toda a vida. Mais humano seria incomparavelmente cortar-lhe a cabeça. Mas já que não querem esta grande crueldade, aguentem-se com as vossas branduras de costumes. Virem agora dizer-nos que é muito para um Marinho da

Cruz mettê-lo por oito annos, que não permite mais a lei, na nossa penitenciaria que tem um regimen relativamente suave, isso sebo e cebolario. Levem-nos para casa, os patifes como elle, mettam-nos n'um oratorio e accendam-lhes velas!

De resto nem oito annos é pouco, nem um homem se inutilisa com esse tempo de prisão. Sabe-o de sobejo quem tem estudado o assumpto scientificamente sem se deixar guiar pelas declamações juridicas.

—O *Correio da Manhã* e o *Seculo*, que continuam impavidos na sua missão de accusar o governo de ter mandado matar o sr. Pinheiro Chagas, publicaram um dia d'estes a declaração d'um ex-policia imputando ao Pinto uns factos d'espionagem e delação. Afinal, averiguado o caso, viu-se que no tempo em que se davam como succedidos esses factos era o Pinto militar e estava no quartel ou preso no Forte da Graça! Já é vontade de se ser faccioso.

Tambem o tal Agostinho Barbosa de Sotto Mayor persiste em não acreditar que o Pinto não quizesse dar cabo do sr. Pinheiro Chagas. Oh, homem, pois então se quizesse manda-lo d'esta para melhor, não tinha uma faca ou um revolver que resolvesse o negocio n'um instante? Ia-lhe dar uma bengalada?

Que typos! Tanto soltam da cadeia os peiores faccinoras e malandros como perseguem até ao fim quem lhes cahir em desgraça.

Y.

Carta da Bairrada

Março, 29.

Agora, que a calamidade do Baquet está despertando a attenção de todo o paiz empenhado em minorar a sorte das victimas sobreviventes do triste acontecimento, é mister que a imprensa tome muito a peito pugnar porque sejam tomadas as responsabilidades d'aquella grande desgraça a quem ellas couberem e porque se ponham bem em evidencia os perigos que por ventura offererem, tanto os theatros das grandes cidades, como os dos pequenos centros, das villas e das proprias aldeias.

Na Bairrada, como se sabe, ha o theatro de Anadia, edificio construido ha dez annos, mas tão desastadamente entregue nas mãos d'um empreiteiro... pouco escrupuloso, que está hoje um edificio condemnado. E' um grande perigo assistir a um espectáculo n'aquelle theatro, e todavia a auctoridade administrativa ainda ha poucos mezes alli consentiu que se dessem umas récitas

de curiosos! Pois é opportuno e é dever nosso dizer bem alto que o theatro de Anadia não pôde mais tornar a abrir-se sem se proceder a uma rigorosa vistoria em todo o edificio. A auctoridade que permittir, que alli se dê um espectáculo sem proceder primitivamente a um exame feito por um pessoal tecnico, incorre na mais tremenda das responsabilidades, que nenhum funcionario digno se atreverá a assumir.

O emadeiramento do theatro está ameaçando ruina ha annos. E' uma vergonha que em um edificio que custou uns contos de réis se vejam traves emendadas e madeiras de pessima talhadia, defeituosas e pagas por boas. Mas o facto é que esse edificio, além de mal construido, não tem as condições de segurança devidas para um caso de incendio.

Urge, para que o theatro seja utilisado, que se convoque uma assembleia geral dos accionistas, a fim d'estes deliberarem sobre as obras que é preciso empreheñder e ácerca dos meios de que fór mister lançar não para levar a cabo as reformas e melhoramentos de necessidade immediata.

Deixar perder um edificio que custou uns contos de réis e que teve por fim levantar na Bairrada o amor pelo theatro, que é escola e que é distracção, parece-nos que, além de representar um prejuizo material, representa uma vergonha para esta localidade. A perda do dinheiro seria o menos diante d'uma questão que se impõe pelo seu caracter patriótico e altruista.

A sociedade proprietaria do theatro de Anadia não pôde, não deve consentir que se feche ao povo da Bairrada a casa que fóra destinada para elle se recrear, aprendendo, para elle se rir, estudando.

NOTICIARIO

«Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Por absoluta falta d'espaco retiramos varias locaes e artigos. E por isso folga hoje o visconde! Vamos a vêr no domingo.

A subscrição aberta em casa do sr. Antonio Pereira Junior, para as victimas do theatro Baquet, estava hontem á tarde em 161,600 réis.

Não damos publicidade á respectiva lista das pessoas que teem continuado a subscrever por nos escasseiar o espaco.

O temporal que fez até quinta-feira foi medonho. O vento sopra-

va com grande força, cahindo formidaveis aguaceiros, alguns acompanhados de granizo. De noute a tempestade tomava ainda maiores proporções. A ventania redobrava de violencia e a chuva era em maior quantidade. Alguns beirões de telhado foram atirados a terra e arvores derrubadas.

A ria cresceu de volume. Na terça-feira de noute as aguas invadiram a praça do Peixe, rua do Alfena, praça do Commercio, rua do Caes e largo do Rocio, onde está estabelecida a feira, e ainda outras. Algumas barracas ficaram inundadas, o que obrigou os negociantes a mudar muitos objectos para casas proximas. Devem ter soffrido prejuizos

Na quarta e quinta-feira as aguas cresceram ainda mais, mas no dia seguinte baixaram muito. Hontem já não havia cheia.

Os donos dos barracões que estão na feira com divertimentos tambem soffreram. A cheia, além de os não deixar ganhar dez réis, estragou-lhes muita cousa. Em fim, isto foi mau para todos, porque todos mais ou menos hão de ter soffrido.

Nas marinhas tambem os estragos foram grandes, perdendo-se o sal que havia em algumas eiras. No paredão da barra tambem o temporal fez estragos.

Felizmente, desde ante-hontem que o tempo melhorou consideravelmente.

Reune hoje em sessão ordinaria a junta geral do districto.

Vamos ter quatro récitas no nosso theatro pela companhia dramatica dirigida pelo intelligente actor Taveira, já muito conhecido em Aveiro.

Hoje deve realizar-se o primeiro espectáculo, sendo representada a festejada comedia *As Guerras do Alecrim e da Mangerona*.

Para amanhã annuncia-se o drama *Os Milhões do Criminoso*, para quarta-feira *A Princesa de Bagdad* e para quinta *A Morgadinha de Val-Flor*.

A proposito diremos que no theatro foram feitas agora algumas obras, que se julgaram indispensaveis, para prevenir a segurança do publico em caso de incendio.

A camara abriu concurso, por espaco de 20 dias, para o fornecimento de gaz para illuminação da cidade.

Agora sim, agora é que vamos ter boa luz.

Mais vale tarde...

A feira tem corrido má para os negociantes. A não ser no domingo e segunda-feira, em que realisaram algumas transacções, nos outros dias pouco ou nada apuraram em consequencia do mau tempo e da cheia.

E' provavel, porém, que ainda

venham a fazer bom negocio, principalmente hoje e amanhã. Como o tempo melhorou deve vir ainda muita gente de fóra. Já hontem a affluencia de compradores foi regular.

Lemos na *Folha Constituinte*, de Agueda, que o professor de ensino primario d'aquella villa, Julio Gomes da Conceição, costuma applicar aos seus pequenos discipulos castigos excessivos e crueis.

Agora, ha poucos dias, diz aquella folha, obrigou dois ou tres pequenos a estarem de joelhos sobre um banco duas horas, com uns olhos de papel no nariz!

Isto é barbaro e carnavalesco, e é intoleravel, quer o sr. Julio quizesse preparar um divertimento para sua esposa que se achava na aula e que se riu muito com a lembrança, quer os quizesse expôr á irrisão dos seus companheiros.

Como ficariam as pobres creanças, depois de estarem de joelhos duas horas, em dias de tanto frio, e com uns olhos de papel, para se não bolirem?

Realmente é d'uma barbaridade a toda a prova o procedimento do tal professor. E não haverá quem ponha cóbro a semelhante pouca vergonha?

Pobres creanças que cahem nas mãos de tal homem!

Entrou no setimo anno de publicação o nosso collega *Districto de Leiria*.

A *Soberania do Povo* dá noticia d'uma aposta extravagante. Ha dias um rapaz de 15 annos, chamado Isaac Ferreira, apostou com algum em como era capaz de comer quatro arrateis e meio de bolos doces, um arratel de queijo e uma canada de vinho de meia.

Comeu e bebeu toda a dóse apostada, e depois dormiu um somno regalado que durou bastentes horas consecutivas.

E' um estomago á prova das apostas mais extraordinarias.

A Companhia Fabril Singer annuncia hoje no nosso jornal a grande redução de preços que acaba de fazer nas suas acreditadas machinas de costura. Uma pechincha!

Quem haverá ainda que cosa á mão, podendo livrar-se d'essa massada adquirindo por um preço baratissimo uma excellente machina Singer?

A superioridade d'estas machinas está sobejamente conhecida e o seu enorme consumo em todo o mundo vae augmentando continuamente. N'isso está o seu maior elogio.

De todas quantas teem apparecido, a machina Singer é a que

faz o trabalho mais perfeito e com maior rapidez.

Agora, a Companhia acaba de fazer uma consideravel baixa nos seus preços. E' um verdadeiro assombro! Ninguém tenha, pois, o trabalho de coser á mão porque não vale a pena.

Sabem onde é o deposito n'esta cidade? E' na rua de José Estevão. Por uma quantia diminuta compra-se lá uma boa machina Singer.

Uma industrial pariziense estudada importantissima descoberta, que se chegar a realisar-se, produzirá uma verdadeira revolução no mundo dos fumistas, e trará incalculaveis vantagens para a saude dos mesmos.

Trata-se de substituir as folhas do tabaco, empregadas até hoje nos cigarros, pelas folhas do eucaliptus. Estas reúnem a um suave aroma, que desprendem pela sua combustão, qualidades absolutamente oppostas, segundo o referido industrial, aos mil defeitos do tabaco, reconhecidos até pelos seus mais entusiastas consumidores.

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculo n.º 9.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—*A Illustração Portuguesa*, revista litteraria e artistica. N.º 36, do quarto anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

—*O Mundo Elegante*, magnifico jornal de modas. N.º 13, do 2.º anno.

—*As Doidas em Pariz*, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Caderneta n.º 19.—Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, Lisboa.

—*Historia da Revolução Portuguesa de 1820*, por José d'Arriaga.—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella excellente obra, sahio o fasciculo n.º 22, 1.º do volume III.

ANNUNCIOS

VENDE-SE um carro de duas rodas. Tambem se vende um bom piano.

N'esta redacção se diz.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS

NAS SUAS TÃO AGREDITADAS E SEM RIVAL

MACHINAS PARA COSER

Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS SEM RIVAL MACHINAS

SINGER

ACHAM-SE Á VENDA EM AVEIRO

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

SINGER

POR 500 REIS SEMANAES

COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

ADQUIREM-SE AS

MACHINAS PARA COSER

SINGER

com ensino gratis e illimitado em casa do comprador

CONCERTOS GRATIS!

GARANTIA ILLIMITADA

BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM Lã

EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES

A COMPANHIA FABRIL SINGER

HOTEL CENTRAL
DE
MANUEL FRANCISCO LEITÃO
(CINCO RUAS) — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

REMEDIOS DE AYER

Péctoral de cereja de Ayer
—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer
—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um específico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes **JAMES CASSELS & G.**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-das de roupa, limpar metais, e curar feridas.
Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

Genebra Moreira

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) de **MO-REIRA & C.** e a rolha com a firma (*fac-simile*) dos fabricantes.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e

em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelltos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarelltos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approved pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortifica o estomago e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispopsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelltos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA' MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 25\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO.— O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.
Trabalhos perfeitos e preços barattissimos.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio real, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 23 a 25, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000\$000**.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no «Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista **Antonio Ignacio da Fonseca** promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao **CAMBISTA**

Antonio Ignacio da Fonseca

56, RUA DO ARSENAL, 64

LISBOA

DEPOSITO AMERICANO

Apparellhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agência e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE TUBOS DE FERRO
zincados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO
"AGATE"

Para servicos da cozinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—**TUBBINA DE FERRO**—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Aceita-se **ORDENS** para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente, 127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

Typographia do POVO DE AVEIRO

Rua da Alfandega, n.º 7